

# 2º SIMPÓSIO NACIONAL SOBRE DEMOCRACIA E DESIGUALDADES

Brasília, 7 a 9 de maio/2014

## **IDENTIDADES DE GÊNERO NOS ESPAÇOS DA IMAGEM - PROCESSOS DE APRENDIZAGEM.**

Júlio César Mendes Fontes.  
Licenciado Educação Física - UFMG.

**RESUMO:** Este trabalho, de enfoque teórico, mergulha nas abordagens e contribuições das teorias da cultura visual e sobre aprendizagem, e aponta algumas relevâncias e diálogos sobre a dimensão das visualidades das imagens na constituição das aprendizagens das identidades de gênero - masculinidades e feminilidades, que permeiam o cotidiano dos indivíduos nos diferentes contextos de práticas sociais das identidades de gênero.

**Palavras-chave:** identidades de gênero e imagens; identidades de gênero e aprendizagem; identidades de gênero.

**ABSTRACT:** This paper, the theoretical approach, delves into the approaches and contributions of the theories of visual culture and on learning, and points out some relevance and dialogues on the size of the images in the constitution visualities the learning of gender identities - masculinity and femininity, which pervade the daily lives of individuals in different contexts of social practices of gender identities.

**Keywords:** gender identities and images; gender identities and learning; gender identities.

O objetivo deste trabalho é retratar numa perspectiva conceitual como as dimensões visuais estabelecidas pelos entornos dos movimentos das visualidades constituem num relevante processo de aprendizagem das identidades de gênero. Os objetos, coisas, momentos e movimentos, instrumentos de trabalho, vestimentas, passos, gestos, posturas, falas, discursos, posições, hierarquias, pertencimentos, agrupamentos, associações, situações da vida cotidiana são interceptadas pelos aprendizados das pessoas pelas vivências das relações de identidades de gênero ocorrendo em diversos contextos de prática social. Conseqüentemente, os traços configurados em figuras, fotos e imagens, amplamente divulgado, veiculado e vinculado a diversos públicos e faixas etárias, também é e são espaços de aprendizagem das identidades de gênero.

Paechter (2009) em sua narrativa traz elementos relevantes do aprendizado da masculinidade e da feminilidade tendo como pano de fundo para sua construção teórica

as contribuições de Lave e Wenger (2003) sobre a dimensão das aprendizagens sobre as práticas sociais. A autora (2009) enfoca o modo como as crianças pensam sobre si próprias, uma sobre as outras e sobre os adultos que as rodeiam em termos de homens e mulheres. A abordagem desta concepção sobre o desenvolvimento das identidades masculinas e femininas é um processo essencialmente cognitivo. Ou seja, a compreensão que meninos e meninas possuem sobre si e o que isto significa nos ambientes específicos de aprendizagem é o estopim que subjaz à diferença dos comportamentos entre os sexos. E, por isso, as aprendizagens relacionadas a ser homem ou mulher ocorrem em comunidades de prática de masculinidade e feminilidade.

O processo que envolve o aprendizado e a construção/constituição de masculinidades e feminilidades nos contextos em que vivem as pessoas é um empreendimento coletivo levado adiante por e em diversos grupos sociais. Neste sentido, as identidades de gênero é algo que se aprende, que é constantemente mostrado, (re)produzido e (re)configurado, além de ser encenado, ao evidenciar “não apenas o que somos, mas o que fazemos, como nos apresentamos, como pensamos sobre nós próprios em tempos diversos e lugares específicos” (PAECHTER, 2009, p. 23 ). Estes dados corroboram com as concepções de Kimmel (1998) no sentido de que a masculinidade, e, também a feminilidade, exige constantes momentos de comprovação das atitudes dos sujeitos. Assim, permanecer dentro de um contexto ou uma comunidade de prática de masculinidades e ou feminilidades, deve se regularizar as performances individuais às coletivas de forma a sintonizarem com os princípios da comunidade em questão (PAECHTER, 2009).

Mergulhar no universo das imagens é um movimento singular e plural para dimensionar as práticas cotidianas de vivência e experiência das identidades de gênero. Alguns autores (Joly, 1996, Novaes, 2009, Cunha, 2008, Mierzoeff, 2003, entre outros) mostram as imagens como observação da experiência humana, intercessão e produção entre homem e mundo, penetram na vida diária das pessoas de diferentes formas e alteram o modo de ser e perceber a realidade. Para Joly (1996), as imagens são como mensagens visuais, compostas de signos, ferramenta de expressão e comunicação, consideradas expressivas ou comunicativas, determinantes para a compreensão dos conteúdos de visualidades das aprendizagens entre os sujeitos. De acordo com Cunha (2008, p.111), “o sentido não emana das imagens, das imagens, mas dos diálogos produzidos entre elas e as pessoas, sendo que estes diálogos são mediados pelos contextos culturais e históricos”. Assim sendo, nenhuma narrativa oriunda de imagens é

definitiva ou exclusiva, seus significados são considerados móveis, parciais, há mobilidade e variedade no modo como são constituídos e negociados.

A cultura visual enquanto estratégia para compreender a vida contemporânea, trata o visual como um lugar desafiante de interação social e definição em termos de classe, gênero, identidade sexual e racial. Local onde se criam e se discutem significados, a cultura visual, redimensiona os valores e identidades construídos e comunicados via mediação visual, como também à natureza conflituosa desse visual devido aos seus mecanismos de inclusão e exclusão dos processos identitários. As identidades e as experiências das pessoas são construídas e de sobremaneira determinada por uma gama variada de imagens, discursos e códigos. Com isso, as imagens atuam como “novas e velhas formas de poder como também de ensaios de novas formas de sociabilidades” (Sardelich, 2006, p. 462).

Com isso, Sardelich (2006) nos propõe refletir sobre a leitura de imagens evidenciando suas proximidades e distâncias na aplicação destas possibilidades nas práticas educativas e pedagógicas. A autora comenta que as imagens simplesmente não cumprem a função de informar ou ilustrar, mas também de educar e produzir conhecimento através da apreciação, decodificação e interpretação das imagens constituídas e vinculadas nos contextos sociais. Ler uma imagem significa analisar tanto a forma como elas são construídas e constituídas e operam nas vidas dos indivíduos, como o conteúdo que comunicam em situações concretas e específicas. Assim, ler, ver e entender as imagens seria a “constituição do olhar com o sentido da realidade, algo que aparece em nossa linguagem cotidiana, em nossas expressões como: ponto de vista, perspectiva, sem sombra de dúvida, ter ou não ter a ver, visões de mundo, quando nos diferenciamos entre lúcidos e alucinados, iluminados e sombrios” (Wunder, 2006, p.2).

O que as imagens mostram, falam, traduzem? Quais os aprendizados masculinos e femininos que os sujeitos visualizam nas relações com as imagens? Indagar sobre estas questões é produzir outros questionamentos, outras interações, outras visibilidades, outras imagens. Dúvidas e problemáticas que dialogam com Cunha (2008, p.118), “que interpretações sobre o mundo as pessoas estão realizando via “telas”? Que efeitos de realidades estão sendo elaboradas a partir destes referentes? Como os imaginários estão sendo constituídos nestas interações virtuais? Que olhares sobre o mundo estão sendo produzidos?”. Portanto, tanto as imagens como as identidades de gênero não se desenvolvem num vazio social, precisam de humanos e não-humanos (LATOUR, 2012), de associações, atividades, práticas, vivências para constituir

aprendizagens individuais e coletivas nos contatos, atitudes, experiências e nos corpos dos seres humanos e não-humanos.

## REFERÊNCIAS.

CUNHA, S. R.V. Cultura visual e infância. In: 31ª Reunião Anual da Associação de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), 2008, Caxambu, MG. Anais de Resumos e Trabalhos Completos da 31ª Reunião Anual da ANPED, 2008.

JOLY, M. (1996). Introdução à análise da imagem. Campinas, São Paulo.

LAVE, J. e WENGER, E. Aprendizaje situado: participación periférica legítima. Universidade Autónoma do México. 2003

KIMMEL, M. S. A produção simultânea de masculinidades hegemônicas e subalternas, In: Horizontes Antropológicos – Corpo, doença e saúde p.103 – 117. Publicação do programa de pós-graduação em antropologia social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul : Porto Alegre, 1998.

LATOUR, B. Reagregando o social. Bauru, SP: EDUSC - Salvador, BA: EDUFBA. 2012.

MIRZOEFF, N. Una introducción a la cultura visual. Trad. en castellano Paula Garcia Segura. Barcelona: Editorial Paidós, 2003. (tradução da autora). Disponível em: [http://www.estudiosonline.net/est\\_mod/mierzoeff2.pdf](http://www.estudiosonline.net/est_mod/mierzoeff2.pdf). Acessado em 07 de julho de 2013.

NOVAES, S. C. (2011). Entre a harmonia e a tensão: as relações entre Antropologia e imagem. Revista Antropológicas, 20(1+ 2).

PAECHTER, C. Meninos e meninas: aprendendo sobre masculinidades e feminilidades. Porto Alegre: ARTMED, 2009.

SARDELICH, M. E.. Leitura de imagens, cultura visual e prática educativa. Cadernos de Pesquisa (Fundação Carlos Chagas. Impresso), v. 128, p. 15-31, 2006.

WUNDER, A. Fotografias como exercícios de olhar. In: 29ª Reunião Anual da Associação de Pós-graduação e Pesquisa em Educação (ANPED), 2006, Caxambu, MG. Anais de Resumos e Trabalhos Completos da 29ª Reunião Anual da ANPED, 2006.